



RELIGIÃO E HOMOSSEXUALIDADE: REPRODUÇÃO DE SENTIDOS EM ENTREVISTAS COM LÍDERES RELIGIOSOS

Rian Caetano de Oliveira (UFMS/CPAQ)
rian.oliveira@ufms.br

Resumo: O presente texto analisa as evidências ideológicas reproduzidas por memórias discursivas acerca da relação entre religião e homossexualidade presente no discurso religioso cristão. O desenvolvimento deste estudo filia-se à Análise do Discurso de linha Francesa e tem como objeto investigativo uma enunciação reproduzida por uma líder religiosa e cantora gospel contemporânea. O referido pronunciamento ocorreu em uma entrevista, disponível na plataforma de streaming YouTube, pela seguinte personalidade: Aline Barros. Como método de pesquisa, foi realizada uma análise discursiva, esta investigação tem como respaldo teórico contribuições desenvolvidas por Michel Pêcheux e Eni Puccinelli Orlandi. Um dos objetivos desta análise é questionar como memórias discursivas atualizadas na relação entre religião e homossexualidade são reproduzidas e perpetuadas como evidência na sociedade. Além disso, compreender a relação intrínseca entre língua, sujeito e ideologia.

Palavras-chave: Análise do Discurso; religião; homossexualidade; discurso religioso

Abstract: This text analyzes the ideological evidence reproduced by discursive memories about the relationship between religion and homosexuality in Christian religious discourse. This study is based on French Discourse Analysis and its investigative object is an utterance reproduced by a religious leader and contemporary gospel singer. This pronouncement took place in an interview, available on the YouTube streaming platform, by the following personality: Aline Barros. As a research method, a discursive analysis was carried out, with theoretical backing from contributions developed by Michel Pêcheux and Eni Puccinelli Orlandi. One of the aims of this analysis is to question how updated discursive memories in the relationship between religion and homosexuality are reproduced and perpetuated as evidence in society. It also aims to understand the intrinsic relationship between language, subject and ideology.

Keywords: Discourse Analysis; religion; homosexuality; religious discourse

Introdução

A Análise do Discurso Materialista, enquanto campo do saber discursivo que dialoga com o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística, desempenha um papel importante numa possível tentativa de compreensão dos sentidos reproduzidos no discurso e suas relações com a historicidade. Dito isso, ao analisar o modo como as palavras, frases e enunciados reproduzem sentidos diversos e cristalizam-se em formações discursivas por intermédio de



processos parafrásticos¹ e polissêmicos², a Análise do Discurso Materialista consagra-se como uma poderosa ferramenta para o analista.

Por meio de seus métodos e contribuições teóricas, é possível analisar as estruturas sócio-históricas pertinentes ao discurso e elaborar possíveis interpretações a respeito dos sentidos que circulam no social. Ainda, dar voz aos que foram censurados e propor uma contribuição enquanto pesquisa no âmbito científico. Ao longo das páginas deste artigo, são analisadas as nuances dos sentidos reproduzidos em uma entrevista dada por uma líder religiosa e cantora gospel. O título desta pesquisa consiste em “Religião e homossexualidade: reprodução de sentidos em entrevistas com líderes religiosos”. Dentro deste campo, um dos fins deste estudo é compreender como o discurso não é apenas de ordem enunciativa, mas, sim, uma manifestação da língua constituída pela ideologia, reproduzida sob condições de produção e vinculada à historicidade. De antemão, cabe dizer que não há língua que não seja submetida à história.

A referida pesquisa filia-se à Análise do Discurso de linha francesa, na qual se destaca como pioneiro Michel Pêcheux³, na França, e Eni Puccinelli Orlandi⁴, no Brasil. Salientamos que, como respaldo teórico, são utilizadas contribuições dos referidos autores. Para o desenvolvimento do atual trabalho, assumo a seguinte questão como ancoragem: como líderes religiosos reproduzem sentidos quando falam sobre a homossexualidade? Em suma, este artigo encontra-se organizado do seguinte modo: no primeiro momento são desenvolvidos aspectos relacionados ao sujeito e a sua relação intrínseca com a ideologia. Posteriormente, é discutido a respeito das condições de produção do discurso e seu elo com a historicidade. Em seguida, são apresentadas as condições de produção referentes ao discurso analisado, o objeto de estudo, a análise e as considerações obtidas, respectivamente.

Sujeito e ideologia

¹ Os processos parafrásticos dialogam com a estabilidade. Consiste no sentido já dito, o mesmo manifestado sob diferentes formas.

² Processos polissêmicos são de ordem instável. Rompem com o mesmo, com o já dito, dialogam com outros sentidos (alhores), formam uma nova rede parafrástica.

³ Filósofo, linguista e estudioso francês. Foi um dos pioneiros no campo discursivo materialista e responsável por fundar a Análise do Discurso de linha francesa, influenciado por outros nomes como Louis Althusser e Sigmund Freud.

⁴ Linguista e professora universitária brasileira. Responsável por desenvolver os estudos da Análise do Discurso no Brasil, reterritorializando os trabalhos desenvolvidos por Michel Pêcheux. Tornou-se referência entre os pesquisadores brasileiros, sendo uma das pesquisadoras mais citadas.



Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. (ORLANDI, 2009, p.9)⁵

Ao se pensar a respeito da relação entre sujeito e ideologia, é imprescindível salientar que para a Análise do Discurso de linha Francesa, doravante AD, ser sujeito é constituir-se pela ideologia, sob condições sócio-históricas, inserir-se dentro de formações imaginárias e discursivas, assumir determinados lugares e posições ideológicas perante o referente, muitas vezes, inconscientemente. Em outras palavras, significa estar inscrito em posição(ões) ideológica(s) cristalizada(s) na sociedade e a(s) reproduzir(em) no discurso. Este, por sua vez, sem início marcado, fim absoluto, sem titular. Tal como afirmou Pêcheux (1975, p. 136): “Não existe discurso sem sujeito, não existe sujeito sem ideologia”. Sob essa linha de pensamento pecheuxtiana, só existe discurso porque há um sujeito no processo discursivo. Consequentemente, justificado o fato de o sujeito ser constituído pela e para ideologia, o discurso é um dispositivo ideológico. Além disso, como apontado na citação acima, de Orlandi, podemos compreender que somos assujeitados pela linguagem, pelas suas contradições e equívocos, de forma que não há neutralidade nem mesmo na utilização mais cotidiana da língua. Portanto, o sujeito para a AD é descentralizado, cindido, não possui controle do seu dizer, é subordinado à historicidade e seus efeitos, um sujeito assujeitado⁶. Em relação a este último termo, entende-se que para ser sujeito, obrigatoriamente, deve ser assujeitado a estruturas ideológicas existentes na sociedade. A fim de explicar essa informação, utilizaremos um exemplo amplamente conhecido na AD, a gravidez.

É um momento repleto de fatores ideológicos em torno do bebê. Antes mesmo do nascimento, espera-se muito da criança por parte dos pais e familiares. Por exemplo, a descoberta do gênero, o nome de batismo, a seleção das vestimentas, a compra dos móveis e organização do quarto, o enxoval e outras expectativas almeçadas. Atentemo-nos para a escolha do nome, que, em si, já é de ordem ideológica, pois aspectos exteriores influenciam os responsáveis pela criança a conceder-lhe um nome, como: uma homenagem a algum familiar

⁵ Citação retirada da obra “Análise do Discurso: princípios e procedimentos” (2009), de Eni Puccinelli Orlandi.

⁶ Sujeito atravessado por formações discursivas e ideológicas, assujeitado à linguagem e à história, não possui controle do que diz e pensa na sua relação imaginária com o mundo.



falecido, um nome bíblico devido às crenças dos responsáveis ou pelo gênero da criança. Após o nascimento, a criança é submetida à sociedade e à língua.

O assujeitamento ao social ocorre pelos aparelhos ideológicos de Estado, por exemplo: o aparelho jurídico (direitos e deveres), a família, a igreja (religião), a escola, a cultura e o político. Em relação à língua, nota-se que a criança terá o desenvolvimento de sua linguagem assujeitado ao idioma oficial do local em que nasceu. Um bebê nascido em algum país da América Latina, provavelmente, terá como idioma uma língua românica. Um outro bebê nascido nos Estados Unidos da América, provavelmente, terá sua língua moldada no tronco linguístico germânico. Estes fatores influenciarão a capacidade linguística da criança, inclusive, o aparelho fonador. Com base nesses exemplos, observamos que, desde muito cedo, o sujeito é interpelado pelos efeitos da ideologia e aparelhos ideológicos do Estado, não é um sujeito espontâneo com poder de escolha. É sempre-já um sujeito, interpelado, um outro dentro do eu⁷. À luz da AD, interpretar e inscrever-se em determinadas posições ideológicas são fatos intrínsecos ao sujeito tanto quanto a água é para o peixe ou o respirar para um humano, em consonância ao que afirma Orlandi (2009, p. 45): “Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar”. Com base nas palavras da referida autora, realçamos que só há sentido se houver interpretação. Diante de qualquer objeto simbólico, o sujeito é induzido a interpretar conforme a formação discursiva⁸ que está inscrito.

À face do exposto, é necessário dizer que não há um fora da linguagem, tampouco, da ideologia. Utilizando-se novamente das palavras de Orlandi (2009, p. 49): “O sujeito é sujeito de e sujeito à”. Isto é, caso não esteja submetido à língua e à história, não há interpretação e sentido. O falante é assujeitado à historicidade e à língua, de tal modo, que somente faz sentido o dizível porque é subordinado a ambas. Perante isso, conclui-se que, para a AD, o imaginário de objetividade, consciente e dono do que diz, ou até mesmo, a tradicional ideia de distanciar-se de nossas posições ou lugares de fala carregados de ideologia para lançar uma opinião dita, muitas vezes, como “neutra” não são vigentes. Como já destacado anteriormente, o sujeito se

⁷Neste contexto, aborda-se o conceito de interdiscurso, que engloba o já-dito, uma memória discursiva reiterada no discurso por meio da paráfrase. A metáfora "Um outro dentro do eu" é empregada para elucidar que o indivíduo repete dizeres que não são de sua autoria. Dessa forma, o sujeito não é a fonte do discurso, mas, sim, reproduz aquilo que foi enunciado em diferentes momentos e lugares.

⁸ De modo sucinto, essa noção refere-se à corrente ideológica que o sujeito se inscreve para significar, isto é, aos sentidos que reproduz, tomando-os como evidência.



inscreve em formações discursivas. Dessa forma, é interpelado e subordinado pela ideologia no uso mais rotineiro da linguagem. Tal interpelação e subordinação manifestam-se no sujeito. A título de exemplo, em pleno século XXI, considerando os acontecimentos históricos vividos (abolição da escravidão, passagem por duas guerras mundiais, superação do Nazismo e de regimes totalitários, minorias assumindo lugares de destaque), ao nos depararmos com certas posições ideológicas retrógradas, como o racismo⁹, ou até mesmo presenciarmos alguém utilizando uma suástica¹⁰, despertará em muitos uma revolta e desejo de justiça. Estes são os efeitos ideológicos relacionados às chagas do racismo, à monstruosidade do Holocausto que estão presentes na historicidade. Acerca dessa relação com a história, Orlandi afirma:

A ideologia, por sua vez, nesse modo de a conceber, não é vista como um conjunto de representações, visão de mundo ou como ocultação da realidade. Não há aliás realidade sem ideologia. Enquanto prática significativa, a ideologia aparece como efeito da relação necessária do sujeito com a língua, com a história para que haja sentido. (ORLANDI, 2009, p. 47)

Tal como aponta a autora supracitada, ideologia não é uma visão de mundo, posições exclusivas do sujeito ou ocultação do real, a compreensão do termo ideologia não está estagnada a esses níveis. Depreende-se que são evidências produzidas na relação do homem com a historicidade. Nessa dualidade, sujeito e história, sentidos são produzidos, reproduzidos e perpetuados na sociedade, especificamente, no interdiscurso¹¹. Somente há realidade, porque há ideologia. É por esta razão que conhecemos o que é um pedreiro ou um juiz e suas respectivas funções, direita ou esquerda, idôneo ou imoral, como se portar em certos ambientes, o que é apropriado falar ou não falar em dadas circunstâncias. Estes são os efeitos ideológicos se manifestando no sujeito e para o sujeito. Nascemos em um mundo já governado pelos processos ideológicos, pelos contratos de etiqueta, pela disputa entre o mesmo e o diferente.

⁹ Aqui podemos utilizar, como exemplo, o caso de George Floyd. Homem negro violentamente assassinado, em decorrência de um estrangulamento, por um policial branco nos Estados Unidos. Esse acontecimento deu início a uma onda de manifestações mundiais em busca de justiça contra o crime de racismo cometido e tendo como lema a expressão “Black Lives Matter” (Vidas negras importam). As últimas palavras de George Floyd foram: “I can't breathe” (Eu não consigo respirar)

¹⁰ Cruz com braços dobrados em ângulos retos associada ao partido nazista alemão durante a Segunda Guerra Mundial. Os nazistas se apropriaram do símbolo dando-lhe um significado de supremacia. Cabe dizer que em algumas culturas a suástica possui uma conotação positiva, como bem-estar ou boa fortuna. Entretanto, devido à utilização nazista, o símbolo adquiriu certa negatividade e aversão em muitas culturas. No Brasil é proibido, por legislação, sua utilização.

¹¹ Eni Puccinelli Orlandi, em sua obra “Análise do Discurso: princípios e procedimentos”, define o interdiscurso como o dizível, aquilo que já foi dito em outro momento e esquecido. Todavia, faz-se presente no discurso ao longo da história e constrói sentidos, a memória discursiva, “uma voz sem nome”.



Desde a infância somos interpelados pela cultura a qual convivemos, com pouco ou quase nenhum poder de escolha e decisão, pela autoridade de nossos responsáveis exercida sobre nós, inclusive, que foram sujeitos ao mesmo processo que perpassa gerações. O lugar de mãe, pai e filho, vinculado às suas respectivas posições.

À luz desses exemplos, tais sentidos foram produzidos por alguém, reproduzidos por outros, perpetuados e esquecidos, a ponto que não se faz necessário descrever as características e funções de um pedreiro ou juiz, mãe, pai e filho, para identificá-los. Assim ocorre o funcionamento ideológico, pelo esquecimento¹² de sentidos que manifestam no sujeito. É por este motivo exposto que muito se ouve falar que a linguagem, o sujeito e os sentidos são transparentes. Cabe aqui a seguinte observação: para a AD, a linguagem não é transparente. Nem tudo está claro na linguagem, nos sentidos, no sujeito. À vista disso, a corrente teórica a que este trabalho é filiado distancia-se de concepções conteudistas. Enquanto para estas interessa analisar o que o texto diz, para aquela a análise é questionar como um texto reproduz sentidos em sua relação com a historicidade e os aspectos ideológicos. É na contradição, no equívoco, na tríade historicidade-ideologia-sujeito que o analista do discurso desenvolve suas análises e possíveis interpretações¹³. Realizados os esclarecimentos anteriores, é indispensável argumentar sobre as condições de produção do discurso e sua relação com a historicidade.

Condições de produção e historicidade

Para a AD, existem duas concepções de condições de produção do discurso. A primeira concerne à condição de produção em sentido estrito, de ordem enunciativa. Enquanto a segunda, em sentido amplo, compreende a organização da sociedade e as relações estruturantes de poderes, por exemplo. Exposto isso, a partir de agora, é apresentada cada uma delas. No que se refere à condição de produção em sentido estrito, observa-se que está vinculada ao contexto imediato. Isto é, em que local o discurso¹⁴ é reproduzido, para quem se fala, sob quais condições

¹² Michel Pêcheux aponta para dois esquecimentos, o primeiro trata da ilusão que o sujeito possui de ser a origem do dizer, o segundo, que o dizer sempre poderia ser outro. Ao falar de uma forma, poderíamos falar de outra mantendo a mesma rede parafrástica. Convém ressaltar que esses dois esquecimentos são estruturantes para o sujeito e o sentido.

¹³ Não há interpretação que seja absoluta ou inalterável. Dessa forma, toda interpretação está sujeita à contradição, aos equívocos da língua e às alterações.

¹⁴ Compete expor que o discurso não é sinônimo de fala. Esta se refere ao verbo falar, está restrita a um momento específico, é de ordem enunciativa. Aquele se relaciona aos sentidos reproduzidos nas relações sócio-históricas do homem, é carregado de ideologia e perpassa gerações por meio de processos parafrásticos e polissêmicos.



enuncia-se, quais são os sujeitos presentes no ambiente, o momento, os apoiadores ou contrários, entre outros fatores.

Com relação ao sentido amplo, é aquele relegado à organização da nossa sociedade (capitalista de direitos e deveres), às relações de poder nela estabelecidas (patrão e empregado), ao sistema de governo vigente (democracia), às formações discursivas enraizadas, às leis, aos marcos históricos, às lutas de classes, aos confrontos geopolíticos, à história etc. A respeito desse último aspecto elencado, entra em cena a historicidade¹⁵. Com o intuito de explicar melhor essa última terminologia, recorreremos à Literatura Brasileira, especificamente em um romance do século XIX, intitulado “Úrsula”, de Maria Firmina dos Reis¹⁶. Nesta obra, a referida autora relata a escravidão sob a ótica dos escravizados, à luz de uma corrente abolicionista. A obra em questão foi escrita por uma mulher e publicada em 1859, com o pseudônimo “Uma Maranhense”, visto não ser comum e permitido, naquela sociedade patriarcal, mulheres escritoras. O contexto histórico relaciona-se à época marcada pelo regime escravocrata, pela luta dos afrodescendentes, pela exploração exercida pelos senhores, pela memória do colonizador. Estes aspectos destacados influenciaram a escrita do romance mencionado. Aqui, entra em cena os efeitos da historicidade, a influência da história sob as ações e discursos dos sujeitos. Maria Firmina dos Reis escreveu “Úrsula” com um forte teor abolicionista, relatou a luta dos escravos, as explorações dos senhores, a crueldade e desigualdade promulgada pela escravidão, porque, sendo sujeito, foi assujeitada à historicidade. Este é o efeito da história, não há como estar isento dela. O referido romance, em parte, faz sentido por estar assujeitado à historicidade e inscrever-se em uma rede de sentidos abolicionista. Diante do exposto, compreende-se que o sujeito não está fora da história. Pelo contrário, todo e qualquer discurso é vinculado ao contexto histórico que se vive, inclusive, por aqueles já vividos em outrora. Em suma, explicadas as definições das condições de produção do discurso, o assujeitamento do sujeito à historicidade, abordaremos agora as

¹⁵ De modo geral, este termo refere-se à construção da sociedade, às suas relações ao longo da história, do sujeito e do discurso na linha do tempo, considerando os acontecimentos históricos e marcos políticos.

¹⁶ Uma das figuras mais talentosas da Literatura Brasileira, publicou obras marcadas com uma forte crítica social, como o conto “A escrava” e o romance “Úrsula”. Foi escritora, romancista, professora primária e musicista. Viveu a transformação do Brasil Colônia em reino governado por d. João VI, e anos depois a Independência do Brasil, presenciou as correntes abolicionistas e a abolição da escravidão. Foi responsável por criar a primeira escola mista no Maranhão.



condições de produção em sentido estrito e amplo do discurso religioso reproduzido pela cantora gospel e líder religiosa¹⁷ Aline Barros.

Aline Barros é cantora gospel, pastora, escritora e multi-instrumentista brasileira. Formada no curso de Biologia Marinha pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, nunca exerceu a profissão por, conforme a artista, não se identificar com a área. Filha de líderes religiosos, desde sua infância está inserida no mundo religioso e gospel. Aprendeu a cantar ainda muito jovem no ministério de louvor da igreja a qual pertencia. Ao decorrer do tempo, tornou-se muito popular entre a comunidade cristã e além dela. Barros é referência para outros cantores gospels, como, Bruna Karla. Citada por diversos veículos midiáticos, como “The New York Times”, registrou seu nome no cenário musical gospel. No momento desta pesquisa, a cantora é membro da Igreja Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul¹⁸, no Rio de Janeiro, possui status de celebridade, em seu perfil no Instagram¹⁹ dispõe de mais de sete milhões de seguidores, em sua página²⁰ no Facebook possui mais de quinze milhões de curtidas, no canal do YouTube²¹ conta com mais de 1.257.306.179 visualizações, três milhões e quarenta e quatro mil inscritos. Casada com o ex-futebolista, agora pastor, Gilmar Jorge dos Santos²², com quem tem dois filhos. Foi convidada e participou de diversos programas televisivos de alcance nacional, como: Eliana, De frente com Gabi Amarantos, Encontro com Fátima Bernardes, The Noite com Danilo Gentili, Altas Horas com Serginho Groisman, Faustão, Conversa com Bial, Teleton AACD, o extinto programa Xuxa, entre outros. É dona dos sucessos gospels “Ressuscita-me”, “Sonda-me”, “Não me calarei”, “Vitória no deserto”, entre

¹⁷ No imaginário social, líder religioso é aquele que está à frente de um templo ou comunidade, encarregado de pregar os dogmas de sua religião. Além disso, há um imaginário de auxiliar os fiéis em suas decisões, agir com empatia e amor com o próximo. Aqui cabe uma observação, este termo pode ser utilizado por outras religiões, não é restrito ao Cristianismo.

¹⁸ Igreja evangélica e grupo de louvor cristão contemporâneo ativo desde 1984. Pioneiro no canto congregacional, com sede no Brasil, EUA e Europa. Atualmente, é dirigida pelos presidentes Marco e Juçara Peixotos. A comunidade é conhecida internacionalmente, possui um programa intitulado Rompendo em Fé, transmitido pela emissora Redetv e Band-RJ, está no ar há mais de 15 anos. O presidente Marco Peixoto é autor de mais de vinte livros de teor cristão.

¹⁹ Aline Barros. Instagram, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/alinebarros?utm_source=ig_web_button_share_sheet&igsh=OGQ5ZDc2ODk2ZA==>. Acesso em: 21/01/2024.

²⁰ Aline Barros. Facebook, 2024. Disponível em: <<https://www.facebook.com/alinebarrosonline/followers/>>. Acesso em: 21/01/2024.

²¹ Aline Barros. YouTube, 2024. Disponível em: <www.youtube.com/@AlineBarros>. Acesso em: 21/01/2024.

²² Mais conhecido como Gilmar Santos, é um ex-jogador de futebol na posição zagueiro de clubes como: Palmeiras, Botafogo, Flamengo, São Paulo, Cruzeiro, entre outros times. Atualmente, é pastor auxiliar da Comunidade Evangélica Internacional da Zona Sul-RJ e esposo da cantora gospel Aline Barros.



outras canções e álbuns de destaque. Recebeu diversas premiações, entre elas, oito Grammys Latinos, um dos prêmios mais importantes do mundo fonográfico, seus CDs são discos de ouro e platina. Aline Barros, com 47 anos e trinta de carreira musical, ainda continua nos holofotes, é frequentemente convidada para entrevistas em diversos programas de televisão. O discurso analisado ocorreu em um desses programas televisivos e foi alvo de polêmica na mídia. Atualmente, a cantora gospel possui contrato com a Sony Music²³. As informações, até aqui listadas, foram retiradas do site oficial da cantora gospel, disponível na nota de rodapé abaixo, e de algumas entrevistas em que Barros conta a sua história.

A entrevista dada por Aline Barros ocorreu em 2018, ano eleitoral, em um programa de entrevistas denominado “Mariana Godoy”, na emissora Rede TV. Um dos entrevistadores lê para Aline Barros a pergunta de uma internauta. Diante do questionamento, a cantora fornece sua resposta acerca do que lhe foi perguntado. Vale ressaltar que havia presente no local uma plateia, outras personalidades, como a âncora Mariana Godoy, jornalista e entrevistadora, e, por fim, a audiência do programa. Atualmente, o trecho que contém o discurso enunciado pela cantora gospel conta com mais de 347.807 visualizações, mais de 11.000 curtidas, 9.679 comentários no canal da emissora citada, na plataforma de streaming YouTube. Abaixo, encontra-se a transcrição do discurso e, em seguida, a análise.

A palavra: explorando os sentidos reproduzidos no discurso religioso cristão

Um dos entrevistadores lê para Aline Barros a seguinte pergunta:

“Por um acaso, com todo respeito, é claro, você é contra os gays, Aline?”

Aline Barros²⁴:

Olha! O meu posicionamento sempre vai ser aquilo que a palavra de Deus me orienta, né! Porque eu vivo a palavra. Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus. Mas, amo as pessoas que escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha. E, o meu coração sempre vai tá aberto pra liberar amor, pra liberar essa fonte de amor que é Jesus dentro da minha vida, ela tá sendo liberada todos os dias.

²³ História. AB, Aline Barros, 2024. Disponível em: <<https://www.alinebarros.com.br/#biografia>>. Acesso em: 21/01/2024.

²⁴ O discurso transcrito acima pode ser acessado em: “Não concordo com as práticas”, diz Aline Barros sobre a homossexualidade. YouTube, 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/xrR5HrpPRP4?si=ULIbRJK7X73LDVrk>>. Acesso em: 21/01/2024.



Conheço pessoas, né, que são homossexuais, conheço pessoas (...) que já fizeram meu cabelo, que já me maquiaram, né! São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim. Mas, em relação à prática daquilo que eles fazem, eu não posso dizer pra você que eu concordo. Mas, eles sabem. Eles sabem. Porque quem me conhece, quem sabe o meu posicionamento como cristã, seguindo aquilo que a Bíblia me diz, me orienta e me instrui, sabe que não é a forma correta.

Deus criou o homem e a mulher, Deus, na sua plenitude, ele pensou na estrutura de família. Pra que a gente pudesse se unir, o homem se unir a sua mulher, que os dois fossem uma só carne e que eles pudessem multiplicar. Né! E encher a terra. Mas, as escolhas são feitas por cada um de nós, como eu falei, né! (...)

Como afirmado antes, a ideologia não é visão de mundo, ocultação da realidade ou conjunto de interpretação. Pelo contrário, consiste nas evidências produzidas na relação do sujeito com a história e a língua. A respeito desse ponto, o discurso somente faz sentido porque é assujeitado à historicidade e possui condições de produção. Logo, para o analista é inviável realizar suas análises discursivas sem considerar a história e as condições de produção do discurso. Com isso em mente, destacamos que as análises a seguir consideram os aspectos mencionados. Apenas dessa forma, é possível superar as práticas conteudistas que distanciamos.

Entre o posicionamento, pecado e amor

SD1: Olha! O meu posicionamento sempre vai ser aquilo que a palavra de Deus me orienta, né! Porque eu vivo a palavra. Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus. Mas, amo as pessoas que escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha. E, o meu coração sempre vai estar aberto pra liberar amor, pra liberar essa fonte de amor que é Jesus dentro da minha vida, ela está sendo liberada todos os dias.

Nesta primeira sequência discursiva, Barros enuncia que seus posicionamentos perante à vida sempre estarão embasados na “palavra de Deus”, pois, no seu imaginário, a cantora gospel vive “a palavra”. O verbo viver, conjugado no presente do indicativo, “vivo”, comumente assume um sentido de certeza. Entretanto, nessas condições de produção, os sentidos reproduzidos não somente reproduzem afirmação. Ao enunciar que vive a palavra, Barros expressa crença, respeito e obediência ao que “palavra” significa no imaginário cristão em que está inscrita. Em relação a isso, cabe dizer que a líder religiosa é constituída por uma



formação discursiva que não lhe pertence, pois como a própria afirma: “O meu posicionamento sempre será aquilo que a palavra de Deus me orienta, né!”. Em síntese, Barros frisa que suas decisões estarão atreladas aos ensinamentos e dogmas de sua religião, de sua divindade. Consequentemente, suas atitudes e ações no social serão ditadas pelo seu Deus e a palavra que vive. Acerca desse ponto, compreende-se que a cantora gospel evidencia que não é ela, Aline Barros, quem fala, mas, sim, a palavra, sua divindade, uma outra voz. Pode-se observar que Barros legitima a posição que assume a partir da referência a Deus e sua palavra. O efeito produzido é de não ser Aline Barros quem diz, pois a palavra é promulgada por sua divindade. Possivelmente, a “palavra” significa os ensinamentos bíblicos contidos no livro sagrado do Cristianismo²⁵, a Bíblia. Todavia, é importante registrar que há uma equivocidade oriunda do termo “A palavra”. Esta, pode fazer menção à palavra do seu líder religioso, da sua igreja ou denominação religiosa.

Barros não detalha qual seria o ensinamento exercido pelo vocábulo citado, possibilitando diversas menções a trechos bíblicos contidos no livro mencionado que consideram a homossexualidade uma prática pecaminosa e profana. Ou ainda, é possível interpretar que o vocábulo faz menção a dizeres perpetuados, no meio cristão, por intermédio de interpretações oriundas de outros líderes religiosos reproduzidas no discurso religioso enunciado pela cantora gospel. Nota-se o interdiscurso manifestando-se pelos mesmos processos parafrásticos, o já dito, neste caso, a homossexualidade significada como prática pecaminosa. O discurso enunciado por Barros é o mesmo reproduzido por outros líderes religiosos, como: Silas Malafaia quando comparou os homossexuais a bandidos e assassinos²⁶, Bruna Karla quando declarou que jamais cantaria no casamento homoafetivo de um amigo homossexual²⁷. Essas colocações estão inscritas na mesma formação discursiva cristã conservadora. Os processos parafrásticos presentes nesses discursos apontam para um já dito:

²⁵ Religião monoteísta manifestada sob diversas vertentes, como: catolicismo, protestantismo, pentecostalismo, neopentecostalismo, entre outras. Baseia-se nos princípios bíblicos e na santíssima trindade, Pai, Filho e Espírito Santo. Urge apontar que cada ramificação do cristianismo possui organizações e práticas que divergem entre si. Por exemplo, o catolicismo possui mais livros em sua Bíblia Sagrada, outros cânticos de adoração, tem como representação e referência a Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo. O mesmo não ocorre com o neopentecostalismo que, por sua vez, baseia-se na teologia da prosperidade, conquista e abundância em vida.

²⁶ SuperPop: Silas Malafaia: 'sou contra, mas amo os homossexuais. YouTube, 2024. Disponível em: <<https://youtu.be/SCDLGXfgXYI?si=EfR3Pfc42i6wMWDU>>. Acesso em: 21/01/2024.

²⁷ Bruna Karla diz que jamais cantaria num casamento gay. YouTube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/t_RkofVMaEE?si=JG0tPOhuXQikbV_U>. Acesso em 21/01/2024.



“A homossexualidade é pecado”, “é escolha”, “a palavra é contra essa forma”, “eu sigo o que a palavra me diz”, “não foi para isso que Deus criou o homem e a mulher, é errado”.

A líder religiosa destaca que não concorda com “o pecado”. Este termo, sob a ótica do Cristianismo, refere-se a tudo aquilo que transgride e viola a ética da perspectiva cristã, os mandamentos divinos, a filosofia da religião mencionada, o velho e novo testamento, os exemplos de vida dados por Cristo, ou até mesmo, relaciona-se a uma forma de viver mundana centrada nos “prazeres da carne”²⁸. No imaginário cristão, as maneiras elencadas anteriormente e aquelas que não condizem com a forma enunciada como certa no discurso religioso, por exemplo, homossexualidade, adultério, prostituição, fornicação etc., são práticas pecaminosas que distanciam o sujeito de Deus e acarreta perda de sua salvação após a morte, caso não haja arrependimento e redenção ao divino.

A afirmativa de não concordância com o pecado é realizada por intermédio da primeira pessoa do plural, “nós”, o que indica que não é somente a cantora. A equivocidade constitui a referência presente em “nós”, convocando a sua comunidade evangélica, um grupo de fiéis da mesma doutrina, os seguidores do Cristianismo, os que se orientam pela palavra de Deus, os que não são pecadores. É justificado pela personalidade gospel que o pecado é algo abominável e que distancia de sua divindade: **“Então, nós não concordamos com o pecado. Acho que o pecado é algo abominável, ele distancia a gente de Deus”**. O adjetivo “abominável”, qualificador do substantivo “pecado”, personifica-o como intolerante, inaceitável e imoral. Neste primeiro momento, Barros usa suas crenças, citando “a palavra” e sua divindade, para alegar por que não concorda com a homossexualidade. Conseqüentemente, ao proferir isso, reproduz sentidos para a homossexualidade como algo pecaminoso. Logo, algo imoral, intolerante e inaceitável a partir da posição de sujeito em que significa. No fechamento deste primeiro enunciado, Barros aponta que, apesar de não concordar com a homossexualidade, sem citá-la diretamente, ela ama as pessoas que, nas suas palavras: **“Escolheram viver assim, dessa forma. Tem a sua opção, tem a sua escolha.”** Compreende-se que na formação discursiva em que a líder religiosa está inscrita, a homossexualidade é uma escolha. Ou seja, é gay ou lésbica porque escolheu viver de tal maneira. Podemos observar uma antecipação realizada por Barros. Para poupá-la de polêmicas, consiste em expressar sua repulsa pela homossexualidade,

²⁸ Expressão utilizada entre os religiosos para designar as vontades do corpo humano. Desejos relacionados ao corpo físico, como vício em relações sexuais, adultério e fornicação. Além disso, a expressão pode ser utilizada para fazer menção aos sete pecados capitais: soberba, avareza, inveja, ira, luxúria, gula e preguiça.

condenar a mencionada “prática”, mas amar aqueles que são homossexuais. A respeito disso, entra em cena a contradição da língua presente em Barros, sendo sujeito. Como é possível a cantora gospel condenar a homossexualidade e amar aqueles que são homossexuais? Para a AD, para nós analistas materialistas do discurso, os sentidos reproduzidos estão em disputa e contradição. Isto caracteriza um dos funcionamentos da ideologia constitutiva do sujeito, nesta sequência discursiva analisada, expressado pela aversão e afeto acerca dos gays. Por fim, Barros ressalta, por meio de uma metáfora, que seu coração sempre vai estar aberto para liberar o amor. A cantora gospel atribui este amor a Jesus Cristo. Este seria a fonte de tal sentimento liberado constantemente.

Homossexuais, prática e a forma correta

SD2: Conheço pessoas que são homossexuais, conheço pessoas (...) que já fizeram meu cabelo, que já me maquiaram, né! São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim. Mas, em relação à prática daquilo que eles fazem, eu não posso dizer para você que eu concordo. Mas, eles sabem. Eles sabem. Porque quem me conhece, quem sabe o meu posicionamento como cristã, seguindo aquilo que a Bíblia me diz, me orienta e me instrui, sabe que não é a forma correta.

Barros, nesta segunda sequência discursiva, expõe conhecer pessoas que são homossexuais. Inclusive, diz que tem contato com eles, pois, como enunciou: **“Fizeram meu cabelo, me maquiaram”**. Em seguida, é destacado que a líder religiosa possui um apreço por tais pessoas: **“São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim.”** Mesmo diante da admiração exposta, não há concordância com a referida prática. Este termo aparece como uma escolha, isto é, no imaginário de Barros, a homossexualidade é uma prática, assim como alguém que escolhe praticar um esporte, podendo, a qualquer momento, não exercer mais tal ação. Posteriormente, para justificar sua discordância, a líder religiosa utiliza do seu posicionamento como cristã que segue os ensinamentos bíblicos. Acerca destes dogmas, novamente, não se sabe a qual trecho contido na Bíblia ela faz referência, uma vez que não houve especificação. Por fim, é evidenciado que não é a forma correta de se viver. Como Barros destacou que não é a forma correta, ela aponta, também, para uma forma errada. Aqui está o não dito. Atentemo-nos para o seguinte enunciado: **“Posicionamento como cristã.”** Podemos observar que Barros realiza uma referência ao posicionamento da comunidade religiosa cristã que pertence. Dito de outro modo, é como se todos os sujeitos (cristãos) adeptos ao mesmo



grupo, assumissem determinadas concepções de igual maneira. O posicionamento de cristão. Quando a referida cantora gospel enuncia o termo mencionado, em seu imaginário, é observável que todos que são adeptos da mesma vertente são contra a homossexualidade. Pois bem, o posicionamento enquanto cristão é condenar as sexualidades desviantes. Aquele que assume outras posições, não assume o posicionamento cristão mencionado pela cantora gospel. A fim de ficar isenta de acusações homofóbicas, logo no início, Barros enuncia conhecer e conviver com pessoas que são homossexuais, como podemos observar em: **“Conheço pessoas que são homossexuais, conheço pessoas (...) que já fizeram meu cabelo, que já me maquiaram, né! São pessoas queridas, que eu tenho um carinho especial, sim.”**. Nesta sequência discursiva, a líder religiosa frisa conhecer tais pessoas, ter convívio e carinho. O sentido produzido é que não seria excludente e homofóbica, pois tem contato e apreço com os homossexuais.

Criação, família e escolhas

SD3: Deus criou o homem e a mulher, Deus, na sua plenitude, ele pensou na estrutura de família. Pra que a gente pudesse se unir, o homem pudesse se unir a sua mulher, e que os dois fossem uma só carne e pudessem multiplicar. Né! E encher a terra. Mas, as escolhas são feitas por cada um de nós, né! Como eu falei.

Nesta última sequência discursiva, Barros relega a criação do homem e da mulher a sua divindade, a esta é atribuída tal responsabilidade. Não há outro gênero, além de masculino e feminino, que tenha sido criado por seu Deus. Conforme a líder religiosa, foi considerada a ideia de uma família cis-heteronormativa durante o processo de criação dos seres humanos. Essa concepção é justificada do seguinte modo: **“Ele pensou na estrutura de família. Pra que a gente pudesse se unir, o homem pudesse se unir a sua mulher, e que os dois fossem uma só carne e pudessem multiplicar. Né! E encher a terra”**. O vocábulo “multiplicar” possui sentido metafórico para se referir à reprodução da espécie humana. Mais uma vez, para Barros, a homossexualidade é uma escolha quando afirma: “Mas, as escolhas são feitas por cada um de nós, né!”. Outro aspecto relevante, consiste na concepção de família que a cantora gospel possui em seu imaginário. Para Barros, a família é aquela que tem em sua composição homem e mulher. A esta estrutura familiar é associada a responsabilidade de reprodução. Em seu imaginário, não é possível constatar outras composições familiares, como homoafetivas, que divergem do padrão estabelecido.



Considerações finais

Diante dos efeitos da ideologia descritos anteriormente, explicada a relação intrínseca do sujeito com a língua, história e ideologia, detalhada as condições de produção do discurso analisado e os demais exemplos citados ao decorrer deste texto, encaminho-me para a questão em que este trabalho está ancorado: como líderes religiosos reproduzem sentidos quando falam sobre a homossexualidade?

É possível inferir que Barros enuncia de um lugar social denominado cristão e a partir de uma posição cristã conservadora. Uma vez que para a cantora gospel há uma sexualidade correta e uma composição idônea de família tradicional. Em seu imaginário, somente é legítima aquela composição familiar relegada ao padrão heteronormativo. Mesma sexualidade e estrutura familiar defendida pelos cristãos ou adeptos aos dogmas pertinentes à formação discursiva em que se inscreve. Neste caso, heteronormatividade, homem e mulher. Nas análises feitas, não foi possível constatar uma aceitação e abertura para com outras estruturas familiares, por exemplo, as homoafetivas. No discurso reproduzido, Barros apenas evidencia a cis-heteronormatividade e noções de certo e errado conforme os sentidos reproduzidos pela posição de sujeito que ocupa. Conforme a formação discursiva que se inscreve, ao assumir a ideia de correto, a líder religiosa faz menção a práticas consideradas errôneas. Outro resultado obtido consiste na associação da homossexualidade ao pecado. Para Barros, a homossexualidade diverge do exemplo estabelecido como certo no seu imaginário. Dessa forma, a referida sexualidade é associada a uma prática pecaminosa, ao pecado.

Conclui-se que assumir tais sexualidades, consideradas desviantes na formação discursiva cristã, é assumir-se desviado da fé, sujeito que vive fora dos dogmas religiosos, afastado de Deus e suas bênçãos. Ainda, cabe dizer que ser homossexual ou lésbica é uma escolha, como afirmado em vários momentos do discurso. Na discursividade cristã conservadora, a homossexualidade é uma opção, uma escolha, uma prática. Por fim, verifica-se como regularidade no discurso a utilização de elipses. Este recurso é utilizado sob uma tentativa de omitir determinadas terminologias que, no imaginário de Barros, ao enunciar, causa desconforto e incômodo. Pode-se considerar que, durante a entrevista, a cantora gospel enuncia somente os termos “prática”, “opção” e “escolha”, que fazem parte de uma mesma família parafrástica. A homossexualidade e práticas relacionadas são postas em segundo plano, o termo “homossexual” aparece uma única vez, fato que possibilita concluir que para a líder

religiosa tais terminologias, por gerar desconforto, são suprimidas de seu vocabulário. Tendo em vista os argumentos apresentados, percebe-se que os sentidos reproduzidos no discurso religioso, manifestado em Barros, associam a homossexualidade a uma escolha, ao errôneo, a algo que deve ser evitado. Não há apreço e aceitação, o que se nota é uma exclusão fortemente acentuada por memórias conservadoras que perpassam gerações, discriminando parcelas da população que estão às margens.

Referências bibliográficas

ALINE BARROS, AB. **História.** Disponível em: <<https://www.alinebarros.com.br/#biografia>>. Acesso em 21/01/2024.

ARONIS, Carolin. O funcionamento tecnológico da suástica: uma perspectiva da ecologia das mídias. **ALCEU**, [S. l.], v. 22, n. 46, p. 96–117, 2022. DOI: 10.46391/ALCEU.v22.ed46.2022.284. Disponível em: <<https://revistaalceu.com.puc-rio.br/alceu/article/view/284>>. Acesso em 06/01/2024.

BIOGRAFIA DE ALINE BARROS. **Pensador**, 2023. Disponível em: <https://www.pensador.com/autor/aline_barros/biografia>. Acesso em: 21/12/2023.

COMUNIDADE EVANGÉLICA INTERNACIONAL ZONA SUL, **Nossa Igreja**, 2023. Disponível em: <<https://ceizs.com/nossa-igreja/>>. Acesso em: 21/12/2023.

CASO GEORGE FLOYD. **G1**, 2024. Disponível em: <Caso George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA | Mundo | G1 (globo.com)>. Acesso em: 07/01/2024

FATIMA, Wellton da Silva de. **As sexualidades mal ditas no discurso religioso neopentecostal** / Wellton da Silva de Fatima; orientadora: Bethania Sampaio Corrêa Mariani. – 2018. 125 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense. Instituto de Letras, 2018.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. SP. Editora Imago, 2001.

ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 13ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2009.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi [et al.] 2.ed. Campinas–SP. Editora da UNICAMP, 1995.

REIS, Maria Firmina dos. Úrsula. Edição 2. **Cadernos do mundo inteiro**, 2017.

Anais do
IV Seminário Nacional de Línguas e Linguagens da UFMS/CPAQ
e V Seminário da Sociedade dos Leitores Vivos



SOUZA, Warley. "Maria Firmina dos Reis"; **Brasil Escola**. Disponível em:
<<https://brasilecola.uol.com.br/literatura/maria-firmina-dos-reis.htm>>. Acesso em
23/12/2023.